

Análise das diferentes representações e concepções das Favelas do Rio de Janeiro influenciando na construção da identidade local.

Cristiane Cardoso

Prof^ª. DES – IM - UFRRJ

cristianecardoso@yahoo.com.br

1. Introdução:

O Rio de Janeiro, assim como todas as cidades que apresentam situações semelhantes de desenvolvimento econômico e social, é uma cidade que se constituiu através das desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais, gerando inúmeras formas e conteúdos espaciais que influenciam diretamente nos modos de vida, nas relações estabelecidas e na maneira de “avaliar” e conceber determinados lugares. Assim, as trajetórias de vida, as relações com o lugar e as representações do espaço resultam em diferentes percepções urbanas, que podem ser positivas e/ou negativas, dependendo dos atores que as concebem e as vivenciam.

As favelas surgem nos chamados espaços vazios da cidade, desvalorizados pelo setor imobiliário, dentro de um contexto que determina que as pessoas desprovidas das condições impostas por esse mercado se instalem em áreas “menos atrativas”, tais como encostas e manguezais. Nos 110 anos de existência desses espaços várias políticas foram implantadas tentando resolver esse “grande problema” da cidade, porém, foram desiguais as tentativas de melhorar as condições de vida dos homens, mulheres e crianças das favelas.

As favelas, através do concebido, são verdadeiros espaços dentro da cidade, marcados pelo medo, pela violência, pelas ausências, sendo expressão do caos urbanístico (não formal, sem regras de construção). No entanto, para quem as vivencia, apesar de conhecer de perto todos os problemas enfrentados, como a violência e as ausências concretas, as favelas são verdadeiros lugares, no qual estão cristalizadas relações pessoais e sociais, marcadas principalmente por laços afetivos e pela experiência.

Diante disso, observamos uma infinidade de discursos existentes sobre as favelas, alguns de maneira preconceituosa tentando justificar as ações do poder público, outros reafirmando a posição de diferença em relação à cidade, mas mostrando determinadas presenças: alegria, solidariedade, carnaval e dos grandes sambas que ganharam espaço na cidade.

A mídia tem um papel fundamental na construção de imagens e símbolos, logo, de representações sobre os diversos espaços da cidade. É um meio de comunicação bastante eficaz no que se refere à massificação da opinião pública sobre um determinado assunto.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a favela foi representada ao longo do século por pessoas que concebiam esse espaço, sem necessariamente conhecê-lo de perto, e como o cenário atual foi construído a partir de visões estereotipadas da realidade que não mostram a real situação dos moradores desses espaços populares.

2. As representações espaciais:

Representar significa conceber, perceber e viver algo ou algum lugar. Criar um contexto que tenha um significado, que contenha símbolos e signos, que contenha valores pessoais e/ou coletivos. Os seres humanos têm necessidade de “classificar”, isto é, de criar similitudes entre os fenômenos para que eles se tornem familiares. Estas similitudes podem ser baseadas ou não na vivência de uma realidade, podem perdurar por décadas, é pessoal, porém, marcada pelo coletivo. Pessoal porque envolve toda uma vivência do indivíduo – local de moradia, grau de instrução, acesso aos meios de comunicação, vivência pública, entre outros elementos do cotidiano – que serve como um “filtro” para o que ele ouve e concebe como verdade; e coletiva porque não vivemos em uma “redoma de vidro”, imune a qualquer informação que nos chega, o que não vivemos pessoalmente é carregado de uma representação que é construída por vários agentes.

No Rio de Janeiro durante décadas construiu-se uma imagem de uma cidade violenta, local onde estão eclodindo problemas sociais, uma cidade que perde seu “status” de capital. Hoje, analisando as reportagens vinculadas nos jornais com rede nacional e internacional, o Rio é abordado como um estado extremamente violento o que contribui para a construção de uma representação associada ao caos urbano e ao medo. Na verdade, analisando as estatísticas de algumas instituições como o ministério da Justiça, é possível observar que estados como o Distrito Federal (11.779,9), Amapá (9.063,2), Rio Grande do Sul (8.439,8) e Santa Catarina (8.237,8) apresentam taxas de criminalidade elevadíssimas, quando realizada uma equivalência entre o número de ocorrências e a população.

Logicamente, esses dados envolvem somente os boletins de ocorrência, isto é, somente o que foi registrado pela polícia civil, o que engloba todos os tipos de crime, não diferenciando, por exemplo, acidentes de trânsito de homicídios por roubo. Porém, dá uma idéia da situação da violência de algumas cidades brasileiras.

Dessa forma, apesar de outras cidades possuírem níveis de violência semelhantes aos casos registrados no Rio, não são tão noticiadas, contribuindo desta forma para a representação negativa sobre a cidade. Através da realização de uma enquete, elaborada com base nesses resultados sobre a violência, perguntou-se para um grupo de 20 turistas, vindos de diferentes locais do Brasil e do exterior, qual a cidade, na concepção deles, mais violenta do Brasil; quase 90% respondeu o Rio de Janeiro, 10% São Paulo.

Outra representação muito freqüente vinculada pela mídia é a associação da violência com as favelas. Analisando as reportagens que são realizadas pela TV (jornais nacionais) e pelos jornais impressos (O Globo, O Dia e Jornal do Brasil), normalmente encontramos reportagens sobre a violência (assaltos, tráfico, ônibus queimados, entre outros) associadas diretamente a favela (como se a violência só acontecesse por causa da existência dela).

Vários agentes contribuem para que as representações permaneçam e dêem vários sentidos para o que está sendo apresentado. Entre esses agentes, destacamos todos os meios de comunicação, que são capazes de atingir uma grande parcela da população. Eles tornam os lugares conhecidos, sem que a população os tenha vivenciado pessoalmente. As representações são difundidas (exemplo: Rio de Janeiro – cidade violenta, favela – sinônimo de tráfico, entre outros).

As representações dos espaços envolvem uma série de sentimentos e valores do sujeito para com um determinado lugar ou situação. Esses sentimentos e valores são determinados pelos símbolos existentes, que são classificados a partir do mundo vivido, percebido e concebido (produção do espaço segundo Lefebvre). Categorizar, classificar, buscar as similitudes significa escolher um dos paradigmas que possuímos, isto é, a visão de mundo que foi construída a partir de uma série de inter-relações (família, sociedade, cultura), e assim estabelecer uma relação, podendo ser positiva, negativa, temporária, permanente. Aquilo com que não conseguimos estabelecer as similitudes, é o não reconhecido.

Os lugares são carregados de simbologias, signos, relações, logo, de representações distintas. Podemos sentir medo, alegria, insegurança, segurança, entre outros sentimentos, sem ao menos conhecê-lo pessoalmente. Lefebvre, (1980) ao abordar o conceito de representação, afirma que toda representação implica em um valor que damos ao espaço, seja através da presença ou da ausência de determinados objetos. Assim, dentro desse contexto, é comum a valorização ou desvalorização dos espaços pelo que existe ou não, quando comparado aos demais. As áreas passam a ser representadas e valorizadas/desvalorizadas por uma ideologia que está presente na ocupação dos espaços em momentos distintos.

Concordamos com Barbosa (2000, p.73) quando afirma que a representação “não é produto imediato da memória ou uma tradução mimética da experiência. A representação possui um caráter construtivo e autônomo que comporta a percepção/interpretação/reconstrução do objeto e a expressão do sujeito. A representação é uma criação (...)”. É uma criação porque trata de um processo que é construído a partir da interação do sujeito com o objeto. O sujeito percebe (essa

percepção é seletiva), interpreta (a partir de um conhecimento próprio e coletivo) e traduz isso em uma nova realidade.

Para Lefebvre, a representação não é nem a verdade nem a mentira, nem a presença nem a ausência, nem a observação nem a produção, e sim uma mediação da realidade. Por exemplo, nas representações das favelas analisadas nessa pesquisa, percebemos as representações das ausências (falta de saneamento, de rede de coleta de lixo, falta de abastecimento, de escolas, de uma rede de hospitais, entre outros) e das presenças (solidariedade, cultura, violência, entre outros aspectos). Cada um pode representá-la embasado em uma série de códigos, de acordo com os seus interesses. Essas representações não serão totalmente verdadeiras nem totalmente falsas, elas simplesmente marcam uma ideologia presente em um discurso. A representação do que seja um objeto acaba desviando do que ele realmente é. Percebemos isso quando analisamos os discursos sobre favelas presentes na mídia, nas instituições locais, nas ONG's e na fala dos moradores.

Para Lefebvre (1980), uma representação pode servir como um instrumento de “dominação” de determinadas classes, categorias, etnias, sexos, entre outros, geralmente minorias. Os dominados “aceitam” essas imagens impostas pelos dominantes e acabam interiorizando-as (percebemos isso ao conversar com jovens moradores de favelas que incorporam determinados estereótipos do “ser favelado”).

3. O espaço-favela concebido e representado pelo outro:

A cidade do Rio de Janeiro, assim como outras grandes cidades, foi marcada por interesses políticos, transformações urbanas, e também de uma série de políticas implantadas de maneira elitista, privilegiando algumas áreas e desprestigiando outras. As favelas nascem com um certo “consentimento” dos governantes e das instituições, que não sabem o que fazer com a população pobre, principalmente as que foram retiradas dos cortiços e os migrantes que estavam chegando. As favelas crescem, e hoje permanecem como um “*grande problema*” para o seu entorno, principalmente quando questionam determinadas práticas ou quando ocorre uma extrapolação da violência para fora dos limites da comunidade.

Percebe-se que desde a sua origem, grandes discursos surgiram justificando ações do governo, criticando o modo de vida, enumerando problemas, evidenciando as ausências e homogeneizando esses espaços. Os discursos sobre as favelas foram ganhando novas versões dentro de velhos “*clichês*” temporalmente marcados pelas práticas de higienização da cidade e remoção de favelas, bem como pelos problemas ambientais e de combate à violência.

A favela torna-se um “enclave” para o desenvolvimento das cidades, marcam as “ausências” do governo, isto é, marcam as práticas espaciais desiguais em vários campos da sociedade: econômico, político, habitacional, educacional, entre outros. Elas surgem como respostas às desigualdades sociais existentes, surgem da necessidade de “habitar” a cidade.

A mídia, principalmente televisionada e impressa, é um mecanismo de formação de opinião, massificando realidades. Selecionar, editar, classificar e opinar são tarefas importantes nesse processo, e é a partir daí que as realidades passam a ser produzidas para quem não as vivencia diretamente.

Podemos observar que as reportagens e fotos dos jornais e revistas não diferem dos grandes discursos presentes nas políticas do governo para com esses espaços. Ao contrário, vêm para justificar ou massificar as opiniões sobre algumas ações.

No primeiro momento, quando as favelas começam a integrar o cenário do Rio de Janeiro, são vistas como um problema nascente, associado à sujeira e à pobreza: imagens relacionadas - ser pobre seria uma condição natural de ser sujo. Nesse período (que data do surgimento das favelas, da proliferação dos cortiços, até a década de 1940) não é possível observar muitas notícias nos jornais sobre a favela. Mas, quando existem, ressalta-se a falta de higiene, a fome, as condições de vida dos favelados, as doenças responsáveis pelas epidemias. Poucas são as notícias sobre a violência, mas quando ocorrem são longe da área central do Rio de Janeiro, como se a violência não fizesse parte do cotidiano da cidade, somente dos subúrbios.

Um das primeiras reportagens com imagens sobre a favela é da revista *Careta* em 04/12/1909, a reportagem faz uma descrição deste espaço, no qual: “as suas casinhas bizarramente construídas de taboas, de pedaços de caixão, de latas e folhas de zinco dominam um soberbo panorama em meio do qual maravilhosamente avultam o viaducto da Central [...] abrigam numerosas famílias, operários, lavadeiras”.

É realizada uma associação das casas com o perfil dos moradores (lavadeiras, operários, famílias numerosas). Podemos observar também uma preocupação com a parte “visual”, relacionada ao embelezamento, a estética e à modernização da cidade, logo a favela não poderia estar presente na cidade, ou pelo menos, não nas vistas das pessoas que estavam chegando.

Esse debate sobre a higiene é mais antigo do que as favelas, pois as doenças (febre amarela, varíola, peste bubônica, tuberculose), que assolavam a capital do país, eram transmitidas por mosquitos e pela falta de higiene. A cidade mal conservada, com ruas sujas, com uma população vivendo em condições inabitáveis formava a condição perfeita para a proliferação dessas doenças. Na administração de Pereira Passos (1902-1906), grandes obras foram realizadas com o intuito de “modernizar” a cidade, desde as casas até o incremento de novos meios de transporte. A cidade avançou em direção aos *subúrbios*, numa clara política de remover a população de baixa renda. Nesse período intensificam-se as demolições dos cortiços e a ocupação intensiva dos morros, bem como as proliferações das favelas.

Em outra reportagem de 20 de Maio de 1916, na revista *Careta*, as favelas eram associadas ao lado negativo do crescimento da cidade, abordando a remoção como extensão da atividade de embelezamento do centro do Rio. Expressões como “burgo pobre”, “pardieiros”, “sombrios e anti-higiênicos” eram utilizadas para caracterizar negativamente essas áreas. Somente a remoção livraria a cidade dos problemas de saúde pública.

A figura do malandro surge neste período como uma pessoa “*boa praça*”, que não quer saber de trabalho duro, vive a vida entre os bares e a malandragem (jogos, pequenos furtos, namoros). Também ocorre uma articulação da favela como palco dos grandes sambas.

No jornal *O Globo*, período de 1925 a 1934, encontramos expressões como “flagelo social”, “mazelas da cidade”, “Oriente Brasileiro”, “a miséria sorri”, para referir-se à área e/ou à população que ali reside. Essas expressões mostram uma ideologia preconceituosa a respeito da população e da área. Inicia-se um estereótipo sobre a favela, como se a favela pudesse ser combatida, pura e simplesmente, com a retirada da população.

Nas reportagens existe uma referência à falta de saneamento, aparecendo constantemente nas fotografias mulheres com a lata d’água na cabeça subindo o morro. Em 01/04/1930, *O Globo* traz a seguinte chamada: “Miséria que sorri...”, tal reportagem demonstra que a felicidade estaria associada somente a áreas fora das favelas.

A partir da década de 1950, fica claro na mídia o discurso do poder público – a favela como um espaço a ser removido – mas sem que o primeiro (higiene) tenha desaparecido. Para isso, utiliza-se uma série de representações sobre esse espaço justificando a política da remoção.

Expressões do tipo: “inferno”, “proliferação das favelas”, “promiscuidade”, “comunistas sobem os morros e causam resistência”, “vergonha para uma cidade civilizada”, “agrupamentos humanos”, “chiqueiros de porcos”, “Ghetto”, “orgulho de casta”, “mundo de zinco”, “extinção das favelas”, “flagelados”, “barracos”, integram o vocabulário jornalístico.

Nas charges apresentadas nos jornais, bem como nas reportagens desse período, observa-se a reafirmação do discurso sobre as ausências e a homogeneização. A forma e a aparência denominam e caracterizam esses espaços. Os jornais confirmam essa visão quando caracterizam esses espaços, salientando seus problemas e suas características de não civilização, de atraso econômico. A ausência fica evidente no discurso “Nada do que torne a vida humana digna existe nas favelas [...] pouco se distinguem dos chiqueiros de porcos que a cercam [...] Luz elétrica é um lucro que só alguns privilegiados conhecem [...] Telefones só há em algumas casas no Sopé do Morro e rádios só existem mesmo nas biroskas [...] Além da engorda do porco, da venda de bebidas, e da lavagem de roupas, ninguém mais trabalha na favela [...] o resto ganha a vida fora do morro [...] como não há água não há instalações sanitárias, nem mesmo fossas. Tudo é satisfeito em plena rua à noite e

mesmo durante o dia. Por tudo isso o morro tem um cheiro característico de sujeira que se impregna no olfato, nas roupas, no corpo, na alma [...]”.

A descrição do lugar pode ser aplicada a todas as favelas e resumida em: casas sem jardins, sem móveis, apertadas, sem luz, sem água, sem telefone, sem saneamento... e as pessoas que lá residem, tem que “descer” para trabalhar, não há emprego na favela, a população se sujeita aos empregos que a classe média e alta oferece, tais como empregadas domésticas, lavadeira, comércio, entre outros. As imagens deste período demonstram as encostas ocupadas irregularmente, não há ruas, mas um amontoado de casas de zinco ou de madeira; a figura de mulheres com a lata d’água na cabeça, representação do malandro tocando o violão, provavelmente fazendo uma referência à ociosidade ou preguiça dos adeptos do samba.

Ao mesmo tempo, utiliza-se um discurso de “isenção de culpas”, como se a segregação fosse voluntária, como se por qualquer mudança na situação – principalmente a econômica – das pessoas pudessem retirá-las desses lugares, sem considerar todos os laços afetivos que ligam as pessoas a esses ambientes. Produz-se um novo estereótipo, de que a maioria dos favelados é formada por negros e que os brancos não sobrevivem a esses lugares que a favela é lugar de pobres, migrantes, negros, desempregados e malandros.

Ocorre uma associação do morro com o samba, o samba sai dos morros e chega à classe média, como na reportagem do Globo em 23/01/1951 “encosta irregular, varrida pelas enxurradas, com casas, casebres de todos os tipos, forma a paisagem do samba de onde ele desce tão naturalmente como a própria água da chuva”. Ademais, mencionava-se a criação de escolas profissionais, associadas às grandes agremiações do samba, como solução para o desemprego das pessoas.

O cotidiano das pessoas é descrito em séries como o “retrato da favela” e “fui a outro inferno e voltei”. São denunciadas as ausências (escola, farmácia, lojas, quitandas, restaurantes) e a total dependência dos bairros para as necessidades básicas da população. Também é abordada a suposta promiscuidade da população, principalmente dos jovens, que estariam envolvidos com a prostituição, as drogas e o alcoolismo.

A figura do malandro aparece com mais intensidade, já que o morro é a sua “fortaleza”. Seguindo a reportagem do Globo de 9/01/1952 “o morro é a fortaleza, o quartel do malandro, que sobe mais que depressa quando a polícia fica atrás dele. Mas, depois, quando há uma folga, é preciso descer, porque lá em baixo é que estão os cavalos [...] o morro depende do malandro. É ele quem mais gasta dinheiro nas favelas, é ele quem leva para o morro o contrabando ou o furto, mantendo assim um comércio limitado, clandestino e criminoso”.

Na década de 1960, ocorre uma diminuição nas reportagens sobre a favela, mas surge uma preocupação com as causas da favelização, buscando conter o seu avanço. Percebeu-se uma tentativa de discutir algumas soluções para as favelas, como a tentativa de impedir o êxodo rural e a urbanização. A reportagem do Globo de 10-3-73 comenta: “O mal pela raiz - governo da Guanabara anunciou um tratamento de fundo para o problema das favelas. Não vai limitar-se a erradicá-las [...]. Pretende também instituir um programa de controle de migração de modo a evitar que se crie a figura do favelado, razão de ser de todo esse drama social [...]”.

As referências às enxurradas e aos deslizamentos são constantes, não destacando os problemas para os favelados e sim como um problema para os bairros nobres, já que o desflorestamento causa o escoamento superficial mais intenso, ocasionando enchentes. Portanto, na mídia, além de causadora da violência e da dissolução de valores morais (prostituição, vícios), a favela também é encarada como danosa ao ambiente.

Em 1970, dá-se um aumento significativo na quantidade de reportagens. Diminuem um pouco as reportagens sobre a remoção e começa-se gradativamente a retratar a violência e o tráfico. Abordam-se os problemas dos conjuntos habitacionais, são feitas muitas menções a incêndios, enchentes e deslizamentos. Considera-se que no período de 1970 a 1980 há uma transição para o terceiro discurso do concebido – o da violência.

O destaque maior recai sobre os problemas das novas habitações, como a distância do local de trabalho e o aumento do custo para este deslocamento, sem contar os problemas enfrentados (falta de iluminação, de transporte). Algumas reportagens transmitem uma falsa idéia de que os conjuntos

habitacionais são ótimos, simplesmente vieram para resolver todos os problemas da população que vivia nas favelas em condições insalubres e inadequadas. Os conjuntos habitacionais apresentavam problemas, principalmente no que se refere às relações sociais estabelecidas, ao sentimento de pertencimento que não existia, pois eram de difícil acesso, o que aumentava o custo e o tempo do deslocamento até o trabalho, e muitas vezes não existia nem mesmo uma infra-estrutura no local.

A proliferação das favelas também é notícia, causando outros temores, já que a violência começa a ser destacada e associada diretamente a esses espaços “Cidade sem anjos - Uma suprema ironia na Cidade de Deus, 8 escolas suspenderam as aulas por falta de segurança. Nossos anjos da guarda se sentiam em condições de defender os seus protegidos do banditismo que reina solto na Cidade de Deus. Não é certamente porque a cidade tenha deixado de ser de Deus. Mas sim porque a polícia não deixou de ser dos homens” (O Globo , 12-10-79, p 15).

Cidade sem anjos, local onde os bandidos estão atuando, faz-se uma associação direta da favela com a violência, agora não mais nos subúrbios, e sim em todos esses ambientes. Às vezes, no discurso sobre a violência, alude-se à remoção como solução para esses espaços, utilizando uma nova característica para justificar velhas ações.

As imagens relacionadas a esses espaços permanecem determinadas pelas velhas concepções: casas localizadas nas encostas, amontoados de casas e palafitas, sem planejamento, sem estradas, em condições insalubres, sem higiene, entre outros. A favela vira sinônimo de tiroteios, mortes, tráfico, ações da polícia, seqüestros, guerras, grupos de extermínios, lugar onde a lei oficial não existe. Então, a favela não é mais definida pela ausência, mas pela presença da morte, do tráfico, etc. Ela ganha uma identidade por características que lhe seriam, se não próprias, ao menos marcantes. Tais marcas acabariam com a definição de favela pela ausência, ainda que sejam marcas depreciativas. Esses significados estendem-se a todos os lugares das favelas, como se toda a população fosse parte desse contexto.

As reportagens discutiam principalmente a violência entre traficantes e policiais, criando um imaginário da favela como local de risco e/ou perigo. Expressões como “Feudos dos traficantes”, “sonhar com a cidade e acordar na periferia”, “guerra chega ao asfalto”, “favelas teimosas”, “faixa de gaza”, fazem parte do cotidiano das notícias e dão continuidade ao preconceito para com essas áreas, confirmando os estereótipos criados para esses espaços pelas pessoas que não os vivenciam.

Nos dias atuais, o jornal O Globo destina quase 4 páginas para o Rio de Janeiro, sendo que geralmente duas páginas são destinadas às favelas. Reportagens como “a guerra entre traficantes dos Morros [...] resultou em 12 mortes” são contínuas nos jornais, mudando a área e o número de mortes. Trata-se de representações da cidade, com ruas asfaltadas, porém, ao fundo, a favela, com a sua guerra particular, tem a imagem associada ao assalto e ao morro, destacando um pouco da falta de perspectiva de alguns jovens com relação à vida. Nesse sentido, a noção de ausência permanece, porém, não no lugar em si, mas em seus jovens moradores.

Notícias como “traficantes fecham escolas, comércio”, “Madrugada de terror”, “estrangeiros atacados por traficantes”, “violência fechando as ruas”, entre outras, geram manifestações dos moradores, que sofrem duplamente as conseqüências. Primeiro por serem afetados e segundo por verem as imagens veiculadas pela mídia.

Atualmente, a imagem da cidade do Rio de Janeiro está associada à violência, imagem que circula pelo Brasil e pelo mundo. As favelas são os cenários perfeitos para essas reportagens, contribuindo ainda mais para formar o imaginário do medo. As favelas servem de “pano de fundo” para as reportagens sobre o tráfico de drogas e a violência a ele associada. E vão além, utilizando-se de expressões e imagens que fazem com que as pessoas fiquem simplesmente apavoradas ao passar próximo a esses lugares. No dia 10 de Julho de 2005, o programa Fantástico, da TV Globo, transmitido em rede nacional e em horário nobre, exhibe a seguinte reportagem “Vias sem lei - Entrar e sair do Rio de Janeiro ficou perigoso, principalmente à noite. O perigo mora nas três vias expressas de acesso à cidade: a Avenida Brasil e as Linhas Vermelha e Amarela [...] Ao lado das três vias, longe da beleza das praias, o tamanho das favelas cresceu. [...] As cenas são de uma guerra, as conseqüências também”.

Atualmente são inúmeras as reportagens abordando este tema. Agora não se fala mais em higienização e remoção, e sim em melhorias na qualidade de vida dessa população e em projetos para transformar esses espaços em bairros. Alude-se à violência, mas também aos meios para contê-la, principalmente quando atinge a população do “asfalto”.

Outras reportagens também circulam, tais como: projetos sociais desenvolvidos, grupos de dança, teatro, músicas, entre outros, buscando ressaltar um outro lado da favela, porém muitas vezes essas manifestações são tratadas como exceções. Essas reportagens que evidenciam os aspectos positivos são minorias. No início da circulação dos jornais, percebe-se que estavam associadas ao “palco” do samba, como uma manifestação da cultura. Hoje, observa-se a presença do funk, dos projetos sociais, das iniciativas que estão vindo do “olhar de dentro”.

Essas concepções demonstradas até agora fazem parte das representações do espaço favela, associadas aos discursos hegemônicos existentes na sociedade, que ao se referir às comunidades, acaba quase sempre retratando e seus aspectos negativos, assim como a violência, justificando determinadas práticas no espaço. Os aspectos positivos quase desaparecem nesses discursos. Dessa forma, as favelas sempre foram espaços para quem não as vivencia, isto é, são ambientes desprovidos de valores, que representam o caos, um espaço do qual a natureza foi retirada (devido à falta de árvores, poluição dos mananciais) e sem a presença do Estado. Um espaço amplo trazendo uma sensação de insegurança, sem nenhuma afetividade e relações.

4. Conclusões:

A favela é identificada pela diferença: quando comparada aos demais espaços da cidade, é representada geralmente pelas suas ausências e vista de forma homogeneizada, isto é, ganha uma identidade (marcada pelo que não existe) capaz de diferenciá-la dos demais bairros, mas ganha invisibilidade pelo poder público e pela elite dominante, sendo tratada como um todo homogêneo.

As ausências e presenças contidas nos discursos sobre as favelas, tanto pelo percebido quanto pelo concebido, contribuíram para uma representação, uma identidade que salienta somente os problemas, e para um sentimento associado ao medo para quem não as vivencia diretamente.

Encontramos ao longo deste trabalho uma série de símbolos e signos que compõem a favela, fazendo com que a população possua uma identidade, que não é única. Apesar de carregar consigo todos os estereótipos que são utilizados para marcar os espaços populares: é identificada pela sua aparência, pela sua localização, pela falta de registro oficial regulamentando a habitação (título legal da propriedade), pela precariedade na sua infra-estrutura (física e social), lugar de pobre e pessoas sem instrução, insalubre, violenta, área de risco, lugar das ausências, entre tantos outros. A favela é marcada pelo movimento de seus habitantes que criam e recriam seus espaços em função de suas necessidades, pela religião, pelos encontros nos bares, pelas relações familiares, pela dança, pelo funk, samba, capoeira, forró, pela solidariedade, entre tantos outros aspectos.

Observamos que as reportagens salientam uma visão racionalizada de mundo presente em cada momento histórico e que contribuíam para a formação de opinião da população, justificando determinadas políticas urbanas sobre a cidade.

A mídia é um mecanismo fundamental na construção das representações sobre as favelas à medida que ela contribui para uma formação de opinião das pessoas que não vivenciam determinados lugares e acabam utilizando o concebido e o percebido para significá-los, a partir de suas respectivas “visões sociais de mundo”. Os aspectos considerados positivos, quando relacionados, geralmente são vistos como exceções, iniciativas de alguns grupos que “ajudam” as comunidades, retratando uma visão assistencialista, como se todos os moradores nascessem “rotulados” inclusive pelo poder público e pré-dispostos a serem criminosos.

A representação que se criou sobre a favela está associada aos discursos das ausências e das faltas (falta de saneamento, de rede de coleta de lixo, falta de abastecimento, de escolas, de uma rede de hospitais, entre outros), e também das suas presenças (violência, crimes, entre outros), homogeneizou esses lugares, como se todos apresentassem as mesmas características.

5. Referências Bibliográficas:

- * BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In Revista Geographia. Ano II, nº 03, 2000. pp. 69-88.
- * CARDOSO, Cristiane. Do espaço concebido ao espaço vivido: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ. Niterói, 2006. 208p. Tese (Doutorado em Geografia). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense.
- * CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço Urbano – novos escritos sobre a cidade. São Paulo : Contexto, 2004. 154p.
- * CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Geografia Conceito e temas. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.p.15-47.
- * FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo : Martins Fontes, 1995. Páginas consultadas: 5-14; 33-92; 231-264; 319-360.
- * LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausencia – contribución a la teoría de las representaciones. México : Fondo de cultura económica, 1980. 277p.
- * _____. The Production of Space. Translated by Donald Nicholson-Smith. Cambridge, Massachusetts : Blackwell Publishers, 1991. 454p.
- * MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003. 404p.
- * SANTOS, Milton. O Lugar e o cotidiano. In: A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 313-330p.
- * SILVA, J. de S. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: Território Territórios. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002. pp.107-125.
- * SILVA, Jailson de Souza & BARBOSA, Jorge Luiz. Favela Alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro : Senac Rio Editora, 2005. 232p.il.
- * VENTURA, Zuenir. Cidade Partida. São Paulo : Companhia das Letras, 1994. 277p.
- * ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (orgs). Um século de Favela. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. 372p.
- * WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e Diferença- a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. 07-72p.

Sites:

- * www.mj.gov.br, acesso em 08/04/2006.
- * <http://fantastico.globo.com>. Acesso em Julho 2005.

Jornal:

- * O cidadão – Jornal do Bairro Maré. Rio de Janeiro – Dezembro/Janeiro de 2006, ano VIII, nº 43.
- * O cidadão – Jornal do Bairro Maré. Rio de Janeiro – Fevereiro/Março de 2006, ano VIII, nº 44.
- * Jornal O Globo. Miséria que sorri. 01/04/1930.
- * Jornal O Globo – 23/01/1951, p. 06.
- * Jornal O Globo – 09/01/1952.
- * Jornal O Globo - Vinícius Lima. Fui a outro inferno – Vergonha para uma cidade civilizada! Assim são as favelas.11/01/1952, p. 11- 14.
- * Jornal O Globo - Vinícius Lima. Fui a outro inferno. 22/02/1952, p. 10.
- * Jornal O Globo - Globe Trotter. 06/06/1952.
- * Jornal O Globo. Os moradores do morro do Borel só sairão à força.17/03/1955, p.2.
- * Jornal O Globo – A favela do Morro do Urubu. 18/04/1966, p. 03.

- * Jornal O Globo – Vila Paciência. 05/04/1971, p. 05.
- * Jornal O Globo – Vila Isabel. 01/03/1973, p. 03.
- * Jornal O Globo – Morro dos Macacos. 02/03/1973.
- * Jornal O Globo – O mal pela raiz. 10/03/1973, primeira página.
- * Jornal O Globo – Cidade sem anjos. 12/10/1979, p. 15.
- * Jornal O Globo - O silêncio diante da chacina. 14/10/2004.
- * Jornal O Globo - Morte pode causar disputa por bocas-de-fumo. 14/10/2004, p. 16.

Revistas:

- * Revista Careta – Panorama da Favella. Ano 2,nº 79. Rio de Janeiro, 04/12/1909.
- * Revista Careta – 20/05/1916.